

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: IMIGRANTES BOLIVIANOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM SÃO PAULO

Igor Ramos (IC) e Claudia Stella (Orientadora)

Apoio: PIBIC CNPq

Resumo

Na realidade atual vivemos uma intensa mobilidade humana, seja por turismo ou processos migratórios. São Paulo destaca-se pela concentração econômica em âmbito nacional e nesse sentido desperta nos migrantes bolivianos sonhos de uma vida melhor, justamente por oferecer oportunidades de emprego no ramo da confecção (VANINI, 2008). A presença boliviana hoje em São Paulo é um fato concreto, que teve início na década de 50, com estudantes estimulados pelo programa de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia, e tornou-se significativa na década de 80 (SILVA, 2005). Sendo assim o objetivo deste artigo é analisar o papel das festas devocionais e manifestações culturais na manutenção da identidade do imigrante boliviano e o pertencimento proporcionado por elas. Serão discutidos conceitos como cultura, racismo, globalização e identidade, a fim de apreender, da melhor maneira, a vivência do imigrante e analisá-la, tendo em vista todas suas manifestações culturais que ainda estão vivas e constituem atualmente um marco da presença boliviana em São Paulo. Como metodologia, utilizamos um estudo de caso e práticas etnográficas, que pressupõem a observação *in loco* do pesquisador, sendo que todas foram aglutinadas em diários de campo.

Palavras-chave: Identidade; Bolivianos; Festas devocionais.

Abstract

Currently we live in a world of intense human mobility stimulated by tourism or migratory processes. São Paulo stands out for its economic concentration within Brazil and due to its economic importance awakens the Bolivian migrant's dreams of a better life by offering employment opportunities in the manufacturing sector (Vanini, 2008). The Bolivian presence in São Paulo nowadays has its roots in the 50s, with the arrival of students encouraged by the cultural exchange program Brazil-Bolivia, and it became more significant in the 80s (Silva, 2005). Therefore our goal is to analyze the role of devotional festivals and cultural events in the maintenance of the identity of the Bolivian immigrant and the sense of belonging provided by these events. We will discuss concepts such as culture, racism, globalization and identity in order to grasp the experience of immigrants, and analyze such experience considering all the cultural manifestations that are still alive and currently constitute a milestone in the Bolivian presence in Sao Paulo. The methodology will be composed of a case study and ethnographic practices, which require on-site observation and collected data in the field diaries.

Keywords: Identity; Bolivians; Devotional festivals.

INTRODUÇÃO

Na realidade atual vivemos uma intensa mobilidade humana, seja por turismo ou processos migratórios. São Paulo destaca-se pela concentração econômica em âmbito nacional e nesse sentido desperta nos migrantes bolivianos sonhos de uma vida melhor, justamente por oferecer oportunidades de emprego no ramo da confecção (VANINI, 2008). Em geral temos uma constelação de aspectos envolvidos na imigração, incluindo condições macro e micro econômicas, assim como políticas, sociais, culturais, históricas e psicológicas. A presença boliviana hoje em São Paulo é um fato concreto, que teve início na década de 50, com estudantes estimulados pelo programa de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia, e tornou-se significativa na década de 80 (SILVA, 2005). Os fatores que antecedem e inspiram a imigração são diversos, todavia a fraqueza econômica do país de origem tem um peso predominante, pois os imigrantes são marcados pela desigualdade social. Almejam então um mínimo de dignidade e enxergam maiores chances de sucesso econômico em outras localidades, como São Paulo, por exemplo.

Os imigrantes bolivianos que vêm para São Paulo trazem em suas bagagens grandes expectativas que infelizmente são frustradas na maioria das vezes. Possuem diferentes motivações e objetivos, mas eles têm algo em comum: o sonho de uma vida melhor. Embalados por essa esperança prosseguem lutando e sofrendo todo o impacto da imersão em uma nova realidade sociocultural, que em geral é marcada por tensões, estranhamentos (SILVA, 2005). Em contrapartida a preservação das manifestações culturais e festas devocionais que acontecem na praça Kantuta, em São Paulo, por exemplo, permitem que os bolivianos se manifestem enquanto pertencentes a um grupo social, expondo seus símbolos e sua cultura.

O escopo desta pesquisa foi compreender qual o papel das festas devocionais e manifestações culturais na preservação da identidade do migrante boliviano e no apoio para enfrentar o processo migratório. Desta forma, o intuito foi analisar o pertencimento dos bolivianos na sua cultura e na sua comunidade, verificar por meio da história de vida, coletada no estudo de caso, as percepções sobre as circunstâncias que permeiam o processo de imigração e o papel dos eventos culturais bolivianos na subjetividade, e por meio da etnografia, descrever as práticas culturais, os rituais, a simbologia e os demais elementos que estão presentes nas manifestações culturais e religiosas.

Os imigrantes bolivianos hoje caracterizam o maior grupo de hispano-americanos que vivem em São Paulo, tendo em vista que a formação de famílias começou a aumentar, em geral de forma endogâmica (SILVA, 2006). Podemos encontrar outros imigrantes do Peru,

Colômbia ou Chile, por exemplo, mas o número é inferior em relação aos bolivianos. Outro fator importante acerca do número de bolivianos em São Paulo, está relacionado com a criação de organizações socioculturais, como Associação dos Residentes Bolivianos, Círculo Boliviano, Fraternidades Folclóricas, Associação Gastronômica Praça Kantuta, que em geral defendem os interesses dos migrantes bolivianos que trabalham nas oficinas (SILVA, 2006) e proporcionam a expressão de suas manifestações culturais.

Não existem dados sistematizados e atuais sobre o número de bolivianos na cidade de São Paulo, mesmo porque alguns vivem na clandestinidade. Pesquisas prévias nos informam que o perfil predominante dos imigrantes bolivianos, que foi sendo construído desde a década de 80, afirmam que em geral são jovens, de ambos os sexos, solteiros, de escolaridade média, que foram atraídos por propostas de trabalho de coreanos, brasileiros ou até mesmo de outros bolivianos do ramo da confecção (SILVA, 2005). Quanto a sua origem, geralmente são oriundos de La Paz e Cochabamba, ou seja, são *pacenhos* e *cochabambinos*, respectivamente. Ao longo do processo imigratório, os bolivianos foram aglutinando-se em bairros como Bom Retiro, Brás, Mooca, Cambuci, Barra e Pari, em razão dos trabalhos nas empresas de confecção, contudo podemos encontra-los atualmente espalhado em outros bairros da Zona Leste, como Belém, Tatuapé, Penha, Itaquera, Engenheiro Goulart, Cangaíba, Ermelino Matarazzo, Guaianases, São Mateus e na Zona Norte, como por exemplo Vila Maria, Vila Guilherme, Casa Verde, Cachoerinha e tantos outros (SILVA, 2006). Vale ressaltar que a presença boliviana extrapolou o município de São Paulo, sendo possível encontra-los também em cidades como Guarulhos, Osasco, Santo André, Diadema, e até mesmo no interior de São Paulo, como Campinas, Jundiaí, Americana e outros mais (SILVA, 2005). Um consenso é incontestável: a presença boliviana em São Paulo está consolidada e precisamos olhar para tal fenômeno com mais atenção, sobretudo os órgãos públicos e demais setores governais.

Temos duas questões ou forças, por assim dizer, que estão presentes nesse processo migratório: expectativa e realidade. Quem migra em geral busca novas perspectivas e no caso dos bolivianos, essa busca está relacionada ao trabalho na maioria das vezes. Buscam então oportunidades de emprego. Numa pátria marcada pela desigualdade social e por poucas oportunidades, os bolivianos têm latente um desejo por desenvolvimento econômico, haja vista que o sistema capitalista força-nos a crer que “somos o que temos”. Os empresários do ramo da confecção, geralmente coreanos, brasileiros ou até mesmo compatriotas, a partir do conhecimento desse desejo, prometem aos bolivianos boas oportunidades, que infelizmente por vezes transformam-se em frustrações e humilhação (SILVA, 2006). Há um choque entre a realidade e as expectativas, pois nem sempre estas

são atendidas, e aquela torna-se fator deprimente. O trabalho feito pelos imigrantes bolivianos em São Paulo é marcado por humilhação e condições insalubres. Não há leis trabalhistas que regulamentam as atividades feitas por eles, ou seja, não há uma mínima preocupação por parte dos empregadores em oferecer boas condições de trabalho, uma vez que não há obrigatoriedade legislativa. Os direitos humanos são massacrados brutalmente e as configurações das atividades permiti-nos afirmar que eles vivem um sistema de escravidão, tendo em vista que não podem sair do ambiente ou daquele espaço de trabalho específico porque são ameaçados pelos empregadores. Ou seja, não bastasse o choque cultural que permeia a imigração, os bolivianos vivem em condições desumanas muitas vezes. Além dessa realidade aversiva, os imigrantes ainda têm que lidar com preconceitos dos brasileiros, que alegam perder oportunidades de emprego. Entretanto as atividades feitas pelos bolivianos são menosprezadas pelos nativos, característica dos trabalhos oferecidos aos imigrantes em geral, que na maioria das vezes são trabalhos que os nativos não querem exercer (SILVA, 2006). Há então um equívoco por parte dos brasileiros, que é proveniente da falta de informação e do medo do desconhecido, do diferente, que causa estranhamento e gera preconceito. Outro preconceito bastante recorrente está relacionado a cultura dos bolivianos, que são vistos pelos brasileiros como “índios”, “pobres” e povo de “pouca cultura” (Silva, 2006).

A imigração é um evento em que diferentes culturas, ou seja, diferentes maneiras e modo de viver, dialogam e como nos afirma Laraia (2013) a cultura condiciona a cosmovisão – visão de mundo – do homem. Benedict (1972) diz em seu livro que a cultura é a lente pela qual o homem vê o mundo e homens de culturas diferentes usam lentes diferentes, tendo assim visões incongruentes do mesmo mundo. Nesse sentido, toda nossa história cultural, que influencia nossa própria personalidade, pois é uma herança, nos condiciona a ter reações depreciativas frente aos comportamentos daqueles que agem fora dos nossos modelos e padrões consensuais estabelecidos pela maioria da comunidade; razão da discriminação do comportamento desviante (LARAIA, 2013). As perspectivas de compreensão do mundo, nossos valores morais, comportamentos e posturas, relação corporal, linguajar, são frutos de uma herança cultural do contexto onde o sujeito vive e constituem uma parcela de sua personalidade. Dito isso, podemos afirmar também que tais características nos permitem identificar sujeitos pertencentes de uma mesma cultura, pois os aspectos são latentes, como vestimenta, postura, alimentação, aspectos linguísticos e etc. Toda cultura é um processo permanente de composição, transformação e reconstrução que em tempos de rápidos deslocamentos e intenso contato intercultural torna-se expressamente dinâmico; cultura é uma produção histórica (DEBIAGGI, 2005).

Essa característica do homem em olhar o mundo através de sua cultura tem como corolário a inclinação em considerar seu modo de vida como correto e extremamente natural, o que caracteriza o etnocentrismo. (LARAIA, 2013). A premissa de centralidade e/ou universalidade do etnocentrismo não deve ser interpretada como justificativa ou naturalização do racismo, muito pelo contrário, devemos considerar os aspectos expostos pelo autor e lutar contra esse nosso próprio olhar tendencioso e reducionista, que menospreza muitas vezes culturas milenares em detrimento de um padrão cultural europeu ou americano dominante que nos foi impresso. Nosso desafio é reconhecer esses traços em nós mesmos e expandir os horizontes, olhando para os diferentes modos de vida com respeito e sem pré-julgamentos, pois assim conseguiremos deixar de lado o preconceito.

Os imigrantes de alguma forma tentam agrupar-se, almejando um pertencimento, que é possível pelo compartilhamento dos mesmos signos sociais e culturais. Essa presença do Outro é de suma importância para atribuição unilateral de signos identitários, como nos afirma Campos (2009). O grupo abre espaço para a voz das práticas culturais características daqueles determinados indivíduos, desencadeando a visibilidade dos imigrantes em questão, que num primeiro momento são vistos a partir de uma identidade coletiva – “os bolivianos”, por exemplo. Portanto as práticas culturais e festas podem ser artifícios mediadores no processo de negociação de uma identidade positiva do imigrante no espaço da sociedade local, permitindo também a articulação e inserção em outros espaços da sociedade (SILVA, 2006). O indivíduo não é reconhecido pelas suas características individuais, mas sim pela expressão do grupo, quebrando as lógicas do individualismo presente em nossa sociedade contemporânea. Estudar as manifestações culturais de um determinado grupo, no mundo atual, possibilita a compreensão da estrutura social e das memórias, tendo em vista que cultura faz parte do sujeito (SANTOS et al., 2013).

A globalização é vivida atualmente em todas as instâncias da sociedade, pois extrapolou os limites da economia. Com isso alguns fenômenos desse processo são observados na sociedade, como por exemplo a noção de “pouca cultura”, o preconceito, contaminação e descaracterização cultural e tantos outros. Se por um lado a globalização estreitou o mundo e remanejou a noção de tempo e espaço, por outro trouxe alguns problemas consideráveis. Já existem discussões de globalização econômica e cultural, noção que foi sendo construída historicamente e aflorou com a queda do Muro de Berlim, simbolizam o rompimento dos limites geográficos e acesso às outras culturas (SANTOS, ULIAN, SILVA & TONETO, 2013). Então tratar de globalização é de suma importância para a compreensão da cultura e construções sociais, pois com o advento das tecnologias, sobretudo das comunicações em geral, temos uma impregnação de elementos culturais em diversos locais

do globo, e sutilmente uma cultura “hegemônica” está se estabelecendo. O sistema capitalista, que está atrelado a globalização, esfacela as identidades culturais singulares, pois imprime em nós a ideia de “ser” como sinônimo de “ter”, ressaltando as diferenças que há entre os diversos grupos (WILLIAMS, 2007). Sendo assim, num mundo com tais configurações, as imigrações em geral são realizadas com o intuito de alcançar melhores condições de vida (SANTOS, ULIAN, SILVA & TONETO, 2013), o que podemos observar entre os bolivianos. Contudo, como afirma Castells (2009), a Bolívia tem a maior capacidade de resistência à globalização da cultura, o que podemos perceber através das práticas culturais que são vividas em São Paulo. De fato, há um apego com cultural, pois eles preservam a crença, a gastronomia, as festas devocionais e outras práticas.

Hoje observamos muitos eventos culturais elaborados pelos bolivianos. Além da praça Kantuta, que é um marco da presença, temos as festas devocionais, que na maioria das vezes estão coligadas com a igreja católica e são apoiadas por instituições de preservação da identidade boliviana, como é o caso da Fraternidad Morenada Bolívia Central (SILVA, 2006). A praça Kantuta tem o papel de palco das festas, como por exemplo o carnaval, festa das *Alasitas* e festa das miniaturas, em que miniaturas de carros, casas, máquina de costura, são levadas ao padre e ao *Yatire* (sacerdote andino), a fim de cumprir o ritual *ch'alla*, em que os bolivianos pedem à *Pachamama* (Mãe Terra) a realização dos seus desejos, simbolizado na *alasitas* (SILVA, 2006). Realizam também festas em louvor à Nossa Senhora de Copacabana e a mobilização em torno desses eventos e práticas dissolvem o preconceito (Silva, 2006), pois como já apontado, as manifestações culturais dão visibilidade a identidade do imigrante.

A análise da pesquisa está embasada na teoria de Urie Brofenbrenner, denominada de Ecologia do Desenvolvimento Humano. Para o autor, sujeito está em constante desenvolvimento ao longo de sua vida, sendo que este é definido como uma transformação progressiva na forma pela qual a pessoa apreende e se relaciona com seu ambiente (BRONFENBRENNER, 1996). Os sujeitos são atores que exercem papéis nos diversos cenários sociais, ou seja, o imigrante é um ator social, que agora é desafiado pela contingência à adaptação, metamorfose, transição. Os cenários são o ambiente ecológico, concebido por uma série de camadas encaixadas, posto que há influências dinâmicas entre elas; o sujeito está no nível mais interno, estando passível as interferências das demais estruturas (BRONFENBRENNER, 1996). Partindo dessa premissa, a imigração incorpora a mudança ambiental ecológica, afetando verticalmente o desenvolvimento dos imigrantes.

METODOLOGIA

Ao longo da pesquisa encontramos dificuldades e barreiras que nos fizeram repensar o método do estudo. Encontrar bolivianos dispostos a serem entrevistados é uma árdua tarefa, o que pode ser explicado a partir das condições de vida dos imigrantes. A maioria está em São Paulo de forma ilegal e se sentem acuados para falar, o que dificulta as pesquisas com esta população. Outro fator é a falta de disponibilidade, tendo em vista que exercem uma longa jornada de trabalho. Sobretudo a configuração social dos imigrantes impossibilitou a utilização do método inicial, o que demandou um replanejamento.

Inicialmente pensamos em realizar entrevistas semi-estruturas com dez imigrantes bolivianos que vivem em São Paulo há aproximadamente dez anos, após o processo de adaptação. Substituímos para uma entrevista, sendo considerada um estudo de caso. Os demais critérios de inclusão foram preservados, ou seja, a participação nas festas devocionais e manifestações culturais bolivianas, e a preferência por imigrantes que vivem em São Paulo há aproximadamente dez anos.

Também conservamos as práticas etnográficas que foram realizadas na *Fiesta Alasita*, em janeiro de 2016, Carnaval, em fevereiro de 2016 e nas visitas esporádicas à Praça Kantuta, importante espaço de concentração boliviana, onde observamos diversas atividades e eventos. Todas as observações foram transcritas nos diários de campo, a fim de sistematizar as informações.

O método da etnografia tem como característica a descrição ou reconstrução das realidades culturais originais de pequenos grupos, a fim de fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, recriando as crenças, descrevendo práticas, comportamentos, significados e também interpretando as ocorrências nas interações sociais entre os membros pertencentes do grupo analisado (CHIZZOTTI, 2001). A prática etnográfica do pesquisador deve ser livre de qualquer tipo julgamento e preconceitos pessoais, pois atrapalha a compreensão do modo de viver dos grupos, haja vista que passamos um período em campo envolvido no grupo, observando as práticas, bem como os hábitos e concepções gerais (CHIZZOTTI, 2001).

O estudo de caso tem como objetivo a captação de dados relevantes sobre o objeto de estudo, visando atingir um conhecimento mais vasto sobre ele, dissipando as dúvidas, aclarando temáticas significativas e arquitetando ações posteriores, tendo em vista que se caracteriza da uma coleta sistemática de informações sobre um sujeito e/ou um contexto real (CHIZZOTTI, 2001). Realizamos uma entrevista semi-dirigida áudio-gravada com Pablo (nome fictício), imigrante boliviano que vive em São Paulo há vinte e quatro anos participando

ativamente das festas devocionais, manifestações culturais e ativismos políticos. Ele tem quarenta e cinco anos, é casado e possui duas filhas brasileiras. É graduado em Design e trabalha no mesmo campo. A partir dos estudos de caso é possível empreender analogias consistentes (CHIZZOTTI, 2001), o que nos auxilia no processo de caminhar do particular para o universal.

A entrevista foi realizada no dia seis de abril de 2016 e durante cerca de uma hora e trinta minutos (1h30). Foi disparada com a seguinte pergunta: você pode me contar sua história de vida? Segundo Chizzotti:

“A história de vida narra a vida de um indivíduo ou de um grupo, apoiando-se em variadas fontes de informação além do relato do sujeito, como documentos, entrevistas ou quaisquer outras fontes que contenham informações sobre os fatos, o contexto e a própria pessoa. Os relatos ou “estórias” de vida designam a história de uma vida contada a outrem, tal qual foi experienciada pela pessoa que a viveu, tomando o seu ponto de vista como referência fundamental, tendo como objetivo obter informações sobre eventos passados, vividos ou testemunhados pela pessoa, e ainda não registrados.” (CHIZZOTTI, 2001, p.102)

É possível desvelar a história de vida do sujeito através da entrevista, o que para esta análise é essencial, pois a partir do relato de A. podemos compreender sua vivência enquanto imigrante e ser vivente. A psicologia tem utilizado a história de vida em suas pesquisas para estudar o sujeito e suas relações sociais, ou seja, a identidade e o seu meio (Chizzotti, 2011), o que contribui para o alcance do nosso objetivo.

Vale ressaltar que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP 01.302-907 e o número do projeto é 50538115.6.0000.0084, sendo aprovado em todos os aspectos éticos da pesquisa com humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Teve uma hora em que estava perdendo a minha identidade, que quando se falava mal do boliviano não me tocava, porque eu inconscientemente não me considerava um boliviano.” Esse é um fragmento do discurso de Pablo, após adaptação em São Paulo e alguns anos de prática profissional. Ele relata que trabalhou durante muito tempo em uma empresa de multimídia cercado de brasileiros com pouco ou quase nenhum contato com bolivianos, sua raiz nacional. Segundo DeBiaggi e Paiva (2004), na vivência dos encontros e desencontros culturais, relativos ao movimento da imigração, acontece um complexo processo de negociação relativo a própria identidade, aos próprios valores, a identidade grupal, englobando questões étnico-raciais, experiências de preconceito e demais temáticas

correlatas à própria existência. A aculturação psicológica acontece justamente no processo de mudança de contexto cultural (DEBIAGGI, 2004), que iremos chamar de transição ecológica. São mudanças ambientais ou variações de papel que caracterizam esse conceito e que ao longo da vida, enfrentamos diversas situações transicionais, que podem ser numa esfera menor ou maior (BROFENBRENNER, 1996).

A imigração é por excelência uma transição ecológica poderosa, tendo em vista as mudanças significativas no ambiente. Podemos citar clima, língua, formas de relação, alimentação, transporte, educação e entre outros, fatores que influenciam diretamente os sujeitos imigrantes. O tempo inteiro acontecem essas transições, em diferentes níveis e de diferentes formas. Segundo relato do diário de campo do dia quinze de maio de 2016, os imigrantes bolivianos estavam apreensivos quanto a eleição de prefeito para a cidade de São Paulo, haja vista que a atual gestão desenvolveu projetos a favor da comunidade boliviana, e uma eleição de um outro candidato, poderia ser um retrocesso. Segundo Brofenbrenner (1996), uma crise econômica, por exemplo, pode influenciar negativamente o desenvolvimento subsequente das crianças; uma mudança da prefeitura afetará níveis muito profundos e futuros, como por exemplo os filhos dos próprios imigrantes bolivianos.

Brofenbrenner (1996) a partir da ecologia do desenvolvimento humano, propõe um sujeito ativo, em constante desenvolvimento, em um ambiente sempre mutável, sendo que este se baseia na relação dinâmica da constituição humana. Ao longo de sua trajetória, o sujeito afeta o ambiente e é afetado por ele. O microsistema representa esse individual, os papéis mais específicos, diferente do mesossistema, que engloba a inter-relação entre ambientes, contando com a participação ativa da pessoa em movimento; já o exossistema se refere a ambientes que não garantem a participação ativa do sujeito, mas que lhe afetam, e o macrossistema como última camada, se referindo a formação do interior dos sistemas descritos (BROFENBRENNER, 1996).

”Aí Evo Morales entrou no governo boliviano e ele mudou a imagem da Bolívia no mundo. Aí Bolívia não aparecia mais como droga, país pobre, aparecia como um país revolucionário, que estava contra o sistema americano, contra a direita mundial.” Um recorte da fala de Pablo que exemplifica perfeitamente a relação dinâmica de Brofenbrenner. As ações políticas de Evo Morales, presidente da Bolívia, afetaram os diversos níveis do ambiente, que por sua vez tiveram influências nos próprios bolivianos, sem que tenha havido contato ativo.

“Aí que eu conheci, que eu me senti que estava perdendo a minha identidade, que eu não consumia o que um boliviano consome, eu não festejava o que o boliviano festeja (...)

Aí eu procuro a comunidade boliviana.” Durante seu processo de adaptação em São Paulo, Pablo se afastou das práticas culturais e religiosas de sua terra natal. Sem contato com a comunidade boliviana, iniciou o processo de aculturação psicológica de ordem marginalizada, quando o sujeito tem pouco interesse ou oportunidade de manutenção da própria cultura, conseqüentemente da própria identidade, o que gera um estado de conflito pessoal e social (DEBIAGGI, 2005). “Então quando tem uma dessas festas, concentra e motiva toda a comunidade para participar. Alasita é um exemplo, carnaval é um exemplo, a Independência é outro exemplo da Bolívia”, completa Pablo. Todo sujeito é resultado do meio cultural em que foi socializado, posto que é a cultura que origina a experiência e nos torna humanos diferentes (SILVA, 2003). Por isso a importância de afirmar a diferença com o intuito de defendê-la, preservá-la, não segragá-la. Quando o sujeito retorna ao convívio de sua comunidade, na relação a nível de mesossistema, sua identidade é mantida, fortalecida, (re)significada. “São festas que motivam duas coisas: a perpetuar a sua identidade primeiro e segundo a valorizar o reconhecimento do cara bom de vida.”

Existem elementos que transpassam as experiências festivas e devocionais dos imigrantes bolivianos que vivem em São Paulo e eles são responsáveis pela aglutinação dessas vivências. A família é um elemento muito importante para as festividades. Embora em sua maioria formada por um homem, uma mulher e dois ou três filhos, não necessariamente são consanguíneas, elas podem ser agrupadas a partir de afinidades ou semelhanças com outros bolivianos, como por exemplo, amigos, colegas de trabalho e entre outros, conforme os registros do diário de campo do dia vinte e quatro de janeiro de 2016. Nosso entrevistado Pablo afirma que: “Quando você faz tal festa, eu te ajudo. Tem muito compradre. Já que eu não são familiares consanguíneos, cria-se o compradre. Somos compadres. Então eu batizo sua filha, você a minha, para que tenha, além do comércio, uma afinidade familiar. Isso vai para o folclore também e vai para a economia também. Então para esse grupo que dança morenada e tudo mais no folclore, é muito importante a cultura, o status e a relação familiar de compadrio”.

É no contato com a comunidade, entre as famílias, que outro elemento muito importante surge: a comensalidade. Toda a configuração deste elemento denotam identidades, ou seja, a raiz e o *ethos* sócio-cultural de um grupo e no contexto migratório os alimentos e bebidas sintetizam uma poderosa carga simbólica e afetiva, evocando os vários sentidos do pertencimento (SILVA, 2002). Também como afirma Silva (2002), a prática da comensalidade está muito disseminada entre os bolivianos de São Paulo de todos os níveis sociais, afirmando então que este elemento aquece os laços do pertencimento. A bebida e a comida são fundamentos facilitadores do fortalecimento das relações. Vale ressaltar que

frequentemente acontecem abusos do consumo alcóolico, conforme observações do diário de campo. A questão dos alimentos atrelados aos rituais é cada vez mais evocada pelos bolivianos, ou seja, a comensalidade pode estar enfatizando diferenças sociais que se explicitariam nos atos abundantes e ostensivos acerca dos alimentos e principalmente das bebidas (SILVA, 2002). Todavia o beber e o comer é, antes de tudo, um ato comunitário que ganhou peculiaridade singular, e o beber pode ser um ato abundante justamente porque altera o estado de consciência e é preciso estar um pouco além da realidade para sonhar.

Por último, temos o sincretismo que interpenetra todas as festas devocionais praticadas por bolivianos. “Onde tinham templos para o estudos dos astros ou até mesmo da lua, os caras destruíram e em cima construíram uma igreja, uma forma a dizer: Não, a religião é mais importante que seu estudo”. Pablo se remeteu à colonização para descrever a história da Bolívia, enfatizando o massacre causado pela colonização. Não há dúvida de que o cristianismo foi imposto à América Latina pelos europeus, o que sucumbiu as religiões indígenas da época. Entretanto, a potência das crenças indígenas perdurou e conquistou espaço, dando origem ao sincretismo boliviano. A religião é uma forma de conferir sentido às experiências humanas (SILVA, 2003). Geertz (1978) define a religião como um corpo consistente de símbolos, práticas e ritos, valores e crenças, que são capazes de gerar respostas nos momentos em que os outros sistemas falham. A partir do colonialismo, o catolicismo, que já avisa sido modificado pelas heranças célticas, foi contagiado pelas tradições religiosas ameríndias e africanas, dando origem ao processo sincrético (SILVA, 2003). Segundo registros dos diários de campo, as características mais marcantes das festas que valem ressaltar são danças, o colorido os *aguayos* (tecidos de origem boliviana) e a abundantemente comensalidade. A Virgem de Urkupiña, patrona de Cochabamba, tem sua versão sincretizada na Virgem de Copacabana; uma importante deidade da cultura boliviana que foi incorporada pelo catolicismo.

Tanto as festas devocionais quanto as manifestações culturais destacam a presença boliviana em São Paulo, o que intensifica as construções preconceituosa por parte dos brasileiros em relação a estes imigrantes. O esteriótipo negativo do boliviano expressado pelos brasileiros foi vivenciado por Pablo, que a partir de suas experiências de trabalho, nos relatou o seguinte discurso: “Eu conversei com amigos brasileiros de marketing, se eles investiriam num projeto boliviano. Eles falaram: não, porque mesmo que você seja meu amigo do peito, eu não colocaria a minha marca dentro de um projeto boliviano, porque boliviano é droga, é isso, é isso...”. Pablo. imigrou-se para São Paulo em busca de formação acadêmica e trabalho, e durante seu percurso, sofreu dificuldades advindas do processo migratório, embora afirma ter recebido apoio de alguns brasileiros.

Ainda segundo as notas do diário de campo do dia vinte de quatro de janeiro de 2016, numa observação etnográfica da Fiesta Alasita, realizada na Praça da República, a discriminação e intolerância religiosa permeiam a temática do preconceito e racismo. Yaku (nome fictício), xamã boliviano que estava presente no evento, narrou que já foi hostilizado em relação às práticas xamânicas e suas raízes indígenas através de frases como “volta para sua terra”, “você é índio, não gosta de trabalhar”, “isso aí é macumba, coisa ruim”. Durante a conversa com I., um brasileiro que passou por nós cuspiu no aguayo que estava no chão com algumas folhas (objetos ritualísticos), proferindo palavras de injúria.

A *Fiesta Alasita* congrega diversos rituais religiosos de agradecimento à *Pachamama* (*Madre Tierra*), que são conduzidos por xamãs ou padres católicos, sendo que aqueles são responsáveis pelos rituais indígenas e estes pelo fechamento a partir de uma perspectiva cristã. Também segundo registros do diário de campo feito no dia vinte e quatro de janeiro, uma *chola* (índia tradicional boliviana) realizava os atos ritualísticos quando um brasileira comentou: “Não é só lá na Bahia que tem macumba, viu?”. Todos os relatos e registros apontam para a profunda falta de conhecimento por parte dos brasileiros acerca do universo cultural boliviano, bem como a presença acentuada do racismo e preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas devocionais e manifestações culturais exercem um papel primordial na preservação da identidade do imigrante boliviano que vive em São Paulo, bem como têm potencial para desenvolver um sentimento de pertença, o que confere sentido ao processo migratório. A família, o sincretismo e a comensalidade expressam portanto o *ethos* sócio-cultural desses imigrantes, uma vez que estão em constante processo de vivência e recriação cultural, conferindo-lhes novos significados simbólicos e afetivos.

O presente trabalho levantou a questão da descontinuidade das políticas públicas, que ficam aos sabores e desejos dos gestores vigentes e à mercê das ideologias partidárias e posições políticas. As intervenções sociais devem ser pensadas de acordo com as necessidades da comunidade imigrante, a fim de valorizar sua cultura, oferecer dispositivos de atenção governamental e programas de auxílio, tendo em vista o desamparo dos sujeitos. Paralelamente é necessário cada vez mais abrir diálogo para os assuntos migratórios, tanto em espaços de formação (escolas, universidade e etc.), como em espaços públicos.

Temos um futuro otimista, pois nos últimos tempos, os trabalhos acadêmicos, as reportagens da mídia e uma CPI na Câmara Municipal, têm conseguido chamar a atenção da população para o fato, bem como tem inserido o assunto na agenda pública (Campos,

2009). Resta-nos continuar abrindo espaço para a discussão do assunto e agregando cada vez mais informações na questão da imigração.

A história, a cultura, política, condições econômicas e sociais estão cada vez mais presentes nas pautas da psicologia, como área do conhecimento para intervenção e pesquisa (CARIGNATO, 2005) e devemos abrir mais espaço para as questões migratórias, tendo em vista o grande fluxo migratório proveniente do mundo globalizado. Quem migra tem uma rica e sensível história de vida para ser contada. O grande desafio ao psicólogo na área da Psicologia Transcultural é encontrar, em meio a fascinante composição de singularidades, as aspectos humanos e universais, para que sejam alvo de estudo e trabalho. A compressão de um fenômeno tão complexo e rico quanto a migração, requer o cruzamento de diversos saberes, com o intuito de realizarmos uma produção transcultural de fato. Precisamos de estar abertos a diferentes abordagens e compreensões do ser humano.

Pablo, o imigrante boliviano, foi batizado numa cidade chamada Potosí, na Bolívia. Sobre essa cidade, Eduardo Galeano nos conta:

Dizem que no apogeu da cidade de Potosí até as ferradas dos cavalos eram de prata. De prata eram os altares das igrejas e as asas dos querubins nas procissões: em 1658, para a celebração do Corpus Christi, as ruas da cidade foram desempedradas, da matriz à igreja de Recoletos, e totalmente cobertas de barras de prata. Em Potosí, a prata ergueu templos e palácios, mosteiros e cassinos, deu motivo a tragédias e festas, derramou sangue e vinho, incendiou a cobiça e desencadeou o esbanjamento e a aventura. A espada e a cruz marchavam juntas na conquista e no butim colonial. Para arrebatá-la, a prata da América, marcaram encontro em Potosí os capitães e os ascetas, os toureiros e os apóstolos, os soldados e os frades. Convertidas em pinhas e lingotes, as vísceras da rica montanha alimentaram, substancialmente, o desenvolvimento da Europa. (GALEANO, 2015)

“(...) eu acho que os culpados não são os espanhóis de hoje, mas aqueles daquela época chegaram para sacanear mesmo e destruíram, de alguma forma tentaram destruir a nossa região, a América Latina. Porque para Europa ser rica, precisava de uma América Latina pobre.”

É necessário expandir as pesquisas científicas acerca da imigração, sobretudo em relação aos bolivianos que vivem em São Paulo. A partir das histórias de vida destes sujeitos, é possível fortalecer a Psicologia Transcultural, estruturando práticas e intervenções na área, bem como possibilitando o diálogo em relação as políticas públicas para os imigrantes. A imigração e a vida boliviana são realidades paulistanas.

REFERÊNCIAS

BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BRONFENBRENNER, U. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porte Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMPOS, G. A. G. *Entre devires e pertencimento: a produção da subjetividade entre os imigrantes bolivianos*. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARIGNATO, T. T. A simbolização das experiências de migração. *Travessia – Revista do migrante*. São Paulo, ano XVIII, nº 53, 2005.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DEBIAGGI, S. D. Migração e implicações psicológicas – Vivências reais para o indivíduo e o grupo. *Travessia – Revista do migrante*. São Paulo, ano XVIII, nº 53, 2005.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

LARAIA, R. B. *Cultura um conceito antropológico*. 25 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SANTOS, R.F., ULIAN, E. S., SILVA, K. F. & TONETO, L. C. Minorias e Identidades: Imigrantes bolivianos em São Paulo. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. São Paulo, ano 7, ed. 16, 2013.

SILVA, S. A. “Saludj sirvase compadra!” a comida e a bebida nos rituais bolivianos em São Paulo. *Travessia – Revista do migrante*. São Paulo, ano XV, nº 42, 2002

SILVA, S. A. A Migração dos Símbolos diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 19, n.3, 2005.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: Entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*. São Paulo, v.20, n. 57, 2006.

SILVA, S. A. Tradições religiosas e cultura no Brasil. *Travessia – Revista do migrante*. São Paulo, ano XVI, nº 46, 2003.

VANINI, J. Imigrantes bolivianos em São Paulo. Identidade, Cultura e Direitos Humanos. *Interdisciplinar de Mobilidade Humana*. Franca, ano XVI, n.31, 2008.

WILLIAMS, R. *Palavras Chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: BOITEMPO, 2007.

Contatos: igor_ramos@rocketmail.com e claudia.stella@mackenzie.br